

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

Fui fazer uma pequena viagem e volto logo. Não deu tempo para deixar o Trivial de reserva; vai uma crônica publicada há 19 anos. É inédita, ao menos para a nova geração.

AULA DE INGLÊS

Do livro Um Pé de Milho

— *Is this an elephant?*

Minha tendência imediata foi responder que não; mas a gente não se deve deixar levar pelo primeiro impulso. Um rápido olhar que lancei à professora bastou para ver que ela falava com seriedade, e tinha o ar de quem propõe um grave problema. Em vista disso, examinei com a maior atenção o objeto que ela me apresentava.

Não tinha nenhuma tromba visível, de onde uma pessoa leviana poderia concluir às pressas que não se tratava de um elefante. Mas se tirarmos a tromba a um elefante, nem por isso deixa êle de ser um elefante; e mesmo que morra em consequência da brutal operação, continua a ser um elefante; continua, pois, um elefante morto e, em princípio, tão elefante como qualquer outro. Refletindo nisso, lembrei-me de averiguar se aquilo tinha quatro patas, quatro grossas patas, como costumam ter os elefantes. Não tinha. Tampouco consegui descobrir o pequeno rabo que caracteriza o grande animal e que, às vèzes, como já notei em um circo, êle costuma abanar com uma graça infantil.

Terminadas as minhas observações, voltei-me para a professora e disse, convictamente:

— *No, it's not!*

Ela soltou um pequeno suspiro satisfeita: a demora de minha resposta a havia deixado apreensiva. Imediatamente me perguntou:

— *Is it a book?*

Sorri da pergunta: tenho vivido uma parte de minha vida no meio de livros, co-

nheço livros, lido com livros, sou capaz de distinguir um livro à primeira vista no meio de quaisquer outros objetos, sejam êles garrafas, tijolos ou cerejas maduras — sejam quais forem. Aquilo não era um livro, e mesmo supondo que houvesse livros encadernados em louça, aquilo não seria um dêles: não parecia de modo algum um livro. Minha resposta demorou no máximo dois segundos:

— *No, it's not!*

Tive o prazer de vê-la novamente satisfeita — mas só por alguns segundos. Aquela mulher era um dêses espíritos insaciáveis que estão sempre a se propor questões, e se debruçam com uma curiosidade aflita sôbre a natureza das coisas.

— *Is it a handkerchief?*

Fiquei muito perturbado com essa pergunta. Para dizer a verdade, não sabia o que poderia ser um *handkerchief*; talvez fôsse hipoteca... Não, hipoteca, não. Por que haveria de ser hipoteca? *Handkerchief!* Era uma palavra sem a menor sombra de dúvida antipática; talvez fôsse chefe de serviço ou relógio de pulso ou ainda, e muito provavelmente, enxaqueca. Fôsse como fôsse, respondi impávido:

— *No, it's not!*

Minhas palavras soaram alto, com certa violência, pois me repugnava admitir que aquilo ou qualquer outra coisa nos meus arredores pudesse ser um *handkerchief*.

Ela então voltou a fazer uma pergunta. Desta vez, porém, a pergunta foi precedida de um certo olhar em que havia uma luz de malícia, uma espécie de insinuação, um longínquo toque de desafio. Sua voz era mais lenta que das outras vèzes; não sou completamente ignorante em psicologia feminina, e antes de ela abrir a bôca eu já tinha a certeza de que se tratava de uma pergunta decisiva.

— *It is an ash-tray?*

Uma grande alegria me inundou a alma. Em primeiro lugar porque eu sei o que é um *ash-tray*; um *ash-tray* é um cin-

zeiro. Em segundo lugar porque, fitando o objeto que ela me apresentava, notei uma extraordinária semelhança entre êle e um *ash-tray*. Sim. Era um objeto de louça de forma oval, com cêrca de 13 centímetros de comprimento.

As bordas eram da altura aproximada de um centimetro, e nelas havia reentrâncias curvas — duas ou três — na parte superior. Na depressão central, uma espécie de bacia delimitada por essas bordas, havia um pequeno pedaço de cigarro fumado (uma bagana) e, aqui e ali, cinzas esparsas, além de um palito de fósforos já riscado. Respondi:

— *Yes!*

O que succedeu então foi indescritível. A boa senhora teve o rosto completamente iluminado por uma onda de alegria; os olhos brilhavam — vitória! vitória! — e um largo sorriso desabrochou rapidamente, nos lábios havia pouco franzidos pela meditação triste e inquieta. Ergueu-se um pouco da cadeira e não se pôde impedir de estender o braço e me bater no ombro, ao mesmo tempo que exclamava, muito excitada:

— *Very well! Very well!*

Sou um homem de natural tímido, e ainda mais no lidar com mulheres. A efusão com que ela festejava minha vitória me perturbou: tive um susto, senti vergonha e muito orgulho.

Retirei-me imensamente satisfeito daquela primeira aula; andei na rua com passo firme e ao ver, na vitrina de uma loja, alguns cachimbos inglêses tive mesmo a tentação de comprar um. Certamente teria entabulado uma longa conversação com o Embaixador britânico, se o encontrasse naquele momento. Eu tiraria o cachimbo da bôca e lhe diria:

— *It's not an ash-tray!*

E êle na certa ficaria muito satisfeito por ver que eu sabia falar inglêz, pois deve ser sempre agradável a um embaixador ver que sua língua natal começa a ser versada pelas pessoas de boa-fé do país junto a cujo govêrno é acreditado.

4.8.64